

# O RECENTE CENÁRIO LITERÁRIO DE MAPUTO: NOTAS DE CAMPO<sup>1</sup>

Fernanda Gallo

**Resumo:** Valendo-se da ferramenta etnográfica do “Diário de Campo”, resultante da observação participante e de registro fotográfico, realizada em Maputo entre setembro e outubro de 2022, o objetivo principal do texto é articular o atual cenário literário da cidade a sua geografia, analisando permanências e transformações que se estabelecem na constante disputa entre memória e esquecimento.

**Palavras-chave:** Maputo. Literatura. Memória. História.

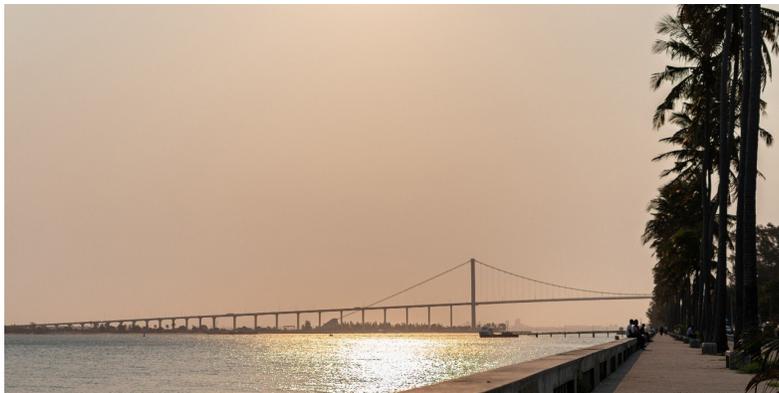
**Abstract:** Using the ethnographic tool of the “Field Diary”, resulting from participant observation and photographic recordings carried out in Maputo, between September and October 2022, the main objective of the text is to articulate the current literary scenario of the city with its geography, analyzing permanencies and transformations that are established in the constant dispute between memory and oblivion.

**Keywords:** Maputo. Literature. Memory. History.

*“Isto é Maputo, ninguém sabe bem como”.*  
(AZAGAIA, *Povo no Poder*)

---

1 A pesquisa de campo foi realizada entre meados de setembro a meados de outubro de 2022, como parte integrante da Bolsa de Estágio de Pesquisa no Exterior intitulada “A literatura adentra onde a história não alcança? O debate literário e a produção historiográfica em Moçambique (1984-2019)”, processo #2019/26408-2. Para este texto foram previamente selecionados quatro dias distribuídos entre a primeira e segunda semana do campo.

**Figura 1 – Ponte Maputo-Katembe vista da Baixa**

Fonte: Maputo, setembro de 2022. Arquivo pessoal.

### **Quarta-feira, 14 de setembro<sup>2</sup>**

Sete anos depois, volto a pisar em Maputo. A cidade em que estive quatro vezes, como era de se imaginar, construiu outros caminhos e manteve tantos outros. A Baía de Maputo, onde o sol alaranjado se põe e antes atravessada unicamente pela água, desde 2018, pode ser cruzada na maior ponte suspensa da África: obra chinesa<sup>3</sup>. Assim como o hotel e o centro comercial Glória, cujas estátuas de enormes dragões se postam como guardiões do índico. Mas se a ponte é, de fato, grandiloquente como indica a imagem acima, os 125

---

2 Ao problematizar os métodos de pesquisa qualitativos, Rita Cachado defende a versatilidade da pesquisa empírica através do “Diário de Campo” na “captura” do presente etnográfico em relação à “segurança” e “objetividade” geralmente atribuídas ao método de entrevistas gravadas (CACHADO, 2021).

3 A ponte Maputo-Katembe foi financiada através de um crédito do China Exim-Bank e executada pela China Road and Bridge Corporation. O projeto, que inclui o acesso Maputo-Ponta do Ouro, teve início em 2014 e custou 786 milhões de dólares.

meticais cobrados a cada vez que se passa por ela mantiveram em funcionamento os pequenos *mapapaiais* e alguns cansados batelões, já que a maioria foi para o “abate”<sup>4</sup>. Mais ainda é meu primeiro dia e desço a Avenida 24 de Julho em direção a Associação dos Escritores Moçambicanos (AEMO). No “Café das Letras”, que divide o espaço com a associação e serve de convívio entre artistas, jornalistas e músicos, sou apresentada a Carlos Paradona, secretário-geral da AEMO e aos escritores Aurélio Furdela e Huwana Rubi, os quais me convidam a uma conversa que dali a nada se realizaria na “Casa do Professor”, com o escritor Marcelo Panguana. É dessa forma espontânea que se dá minha entrada ao campo e, logo no primeiro dia, escuto escritores mais velhos como Juvenal Bucuane, Filemone Meigos, Ungulani Ba Khosa, entre outros, fazerem testemunhos sobre a vida e obra do elegante senhor Panguana. A conversa é dinamizada pela bibliotecária Aissa Mitháno no apartamento da falecida irmã e localizado no mesmo prédio de uma agência bancária, num arranjo inusitado que acaba por posicionar os escritores “acima” dos bancos, como zomba Aissa. É interessante pensar que, num bairro marcado por altíssima especulação imobiliária como é o Polana Cimento, o apartamento, que também

4 A empresa Transmarítima conduzia 2.705 passageiros diários e, depois da inauguração da ponte, diminuiu para 192; por esse motivo, alguns ferrys seguiram para o “abate”, conforme explicou José Mpwete, diretor geral da empresa. Já os pequenos barcos chamados *mapapaiais* continuam atuando (UAMUSSE, 2021).

conta com uma pequena biblioteca e livraria, foi reutilizado como espaço de troca intelectual. Voltando ao encontro em torno de Panguana, a descontração tecida entre sua fina ironia e as muitas gargalhadas dos presentes foi a marca da noite. O público era majoritariamente composto por antigos escritores ou ainda por camaradas que partilham as aventuras e desventuras de escrever num país em que ainda pouco se lê<sup>5</sup>. A presença de jovens escritores no evento se fez notar e, através deles, despontaram algumas das questões que atualmente preenchem o círculo literário local. O jovem cujo livro de poemas foi publicado na língua changana, por exemplo, questionou Marcelo Panguana sobre a ausência de sua escrita nas línguas nacionais. Trazendo à tona a velha questão da moçambicanidade literária, aparentemente com a questão linguística mais aflorada, Panguana respondeu que a questão, por mais importante que seja, não deve ser tomada de forma emocional já que inúmeros entraves estruturais, como o ensino das línguas e o conseqüente acesso às edições voltadas a elas, precisam ser adequadamente desenvolvidas. Já Ungulani Ba Ka Khosa tomou a palavra e, frente a algum desconforto instalado na sala, respondeu ao jovem: “a verdadeira militância de um escritor é escrever seu melhor livro não importa em que língua”. Depois de uma

5 Segundo o recenseamento feito em 2017, a taxa de analfabetismo passou de 50,3% em 2007 para 39,3% em 2017 (INE, 2017).

vida literária atuando contra determinismos de toda ordem, Ungulani complementou sua intervenção destacando que, ao percorrer o árduo trabalho de escrever seu melhor livro, se o escritor opta por se expressar numa ou noutra língua, a escolha é seu legítimo direito.

A questão levantada na “Casa do Professor” sobre qual língua um escritor africano deve usar em sua produção literária não é de hoje e me fez lembrar o debate entre Ngugiwa Thiong’o (1997), que recusa o uso de línguas europeias e defende o uso exclusivo de línguas africanas, e Chinua Achebe (2012), que pondera o uso de ambas. Pensando na ambígua condição linguística enquanto um legado do colonialismo (e na impossibilidade de voltar no tempo), talvez a perspectiva de Achille Mbembe contribua para o debate que não precisa ser feito em termos binários<sup>6</sup>. Ao discutir as transformações linguísticas e simbólicas operadas na língua francesa falada nos Camarões, Mbembe (2013) chama atenção ao modo pelo qual o francês deixou de ser uma língua exclusivamente europeia, a despeito de um narcisismo cultural europeu. Isso vale para o português, afinal, a “língua de Camões” há muito não pertence apenas a seus patrícios e, como lembra o pesquisador moçambicano Gregório Firmino, passados

6 Sobre o assunto, conferir o verbete “Língua Oficial, Línguas nacionais”, do Breve Dicionário das Literaturas Africanas (GALLO; BRUGIONI; BEDUSHI, 2022).

quase 50 anos do fim da colonização, nota-se que o papel social e a estrutura linguística da língua do ex-colonizador, tornada língua oficial, se transformou e derivou no que chama de “nativização” do português<sup>7</sup>.

De fato, como pude perceber, o autor do célebre *Ualalapi* escapa das amarras, mesmo aquelas amparadas por um projeto que, embora legítimo, por vezes, é requerida de uma forma que pode ser considerada impositiva.

### **Sexta-feira, 16 de setembro**

Voltando às andanças na cidade, noto que a duplicação da estrada que margeia o mar, conhecida como “avenida marginal”, fez crescer o número de habitantes às margens do centro urbano. E nessa coreografia urbana entre mar, marginal e margem, percebo que Maputo se configura, cada vez mais, como um território de difícil permanência a grande parte da população que não ganha em dólar, a despeito dos muitos restaurantes de sushis e spas de beleza que ganharam as esquinas do cimento. Os novos prédios envidraçados,

---

7 Gregório Firmino pontua que: “Perspectivar a coexistência das línguas ex-coloniais com as línguas autóctones como necessariamente conflitual, no pressuposto de estes dois grupos de línguas poderem ser contrastados em termos de legitimidade, endogeneização ou utilidade para o desenvolvimento nacional, parece ser uma simplificação da situação actual. O uso das línguas ex-coloniais poderá ter efeitos negativos, mas tal não ocorrerá sempre exclusivamente com estas línguas. Similarmente, as línguas autóctones não são necessariamente a panaceia para os problemas linguísticos em países africanos, embora possam ter efeitos positivos. Tenha-se em conta os casos de Chichewea, no Malawi, durante a presidência de Banda, e do Lingala, no Zaire. Nestes dois casos exemplificativos, as línguas autóctones estavam associadas a políticas divisionárias, elitistas e hegemónicas” (FIRMINO, 2004, p. 345).

a exemplo do Banco de Moçambique e sua questionável estética e a enorme embaixada dos Estados Unidos, mostram a cara, desta, para mim, nova Maputo. Sobre o tamanho da embaixada norte-americana, os rumores dão conta que seu tamanho teria sido proporcional ao hotel chinês, numa espécie de guerra simbólica a beira mar, já que ambos os empreendimentos foram erguidos na já citada avenida marginal, a mirar, e talvez disputar, o cobiçado índico. E se a embaixada tem secretos *bunkers* de segurança, o hotel tem seu “clube dos milionários” a olhos vistos. Como disse o rapper Mano Azagaia, na sua célebre música *Povo no Poder*: “Isto é Maputo, ninguém sabe bem como”.

Figura 2 – O Espelhado Banco de Moçambique



Fonte: Maputo, 2022. Arquivo pessoal.

Figura 3 – Dragão a mirar o Índico. Hotel Glória



Fonte: Maputo, 2022. Arquivo pessoal.

Após constatar que o betão, o vidro e o alcatrão aumentaram suas vendas na cidade, passo a falar do crescente e revigorante cenário cultural que se faz sentir nas mais diferentes expressões da última década em Moçambique e, mais precisamente, em Maputo, essa vibrante e contraditória cidade com *bunkers* norte-americanos, chapas lotadas, cheiro de caril, sons que se cruzam entre o chamado diário às orações com os ritmos da marrabenta e do *afro-house* e percursos que vão das “calamidades” a clubes milionários

chineses<sup>8</sup>. Uma cidade marcada por um delicado equilíbrio entre simpatia e subserviência, inebriantemente criativa e naturalmente bonita. Falo, obviamente, de uma certa Maputo, pois Maputo também são muitas.

Depois da “Casa dos professores”, onde ainda voltaria por mais duas vezes, segui a pesquisa visitando a editora Ethale Publishing, localizada na avenida Vladimir Lenine e cuja placa se lê: “Investindo em narrativas africanas”. A Ethale foi criada em 2017 e possui 18 títulos, incluindo a tradução de autores africanos, como Wole Soyinka, Aminata Sow Fall e Ngugiwa Thiong’o, e também atua em projetos como o “Educação WikiAfrica”, em que um grupo de jovens aprende a criar e editar textos para a Wikipédia na língua emakhuwa<sup>9</sup>. Antônio Junior, que me recebeu na loja, descreveu a luta diária para ultrapassar os diversos constrangimentos que enfrentam aqueles que se lançam no mercado editorial de Moçambique desde a impressão à circulação das obras.

Parte das questões trazidas por Antônio foram problematizadas na entrevista realizada com Ungulani Ba Ka Khosa e que aproveito para trazer nesse diário. Numa

8 “Calamidades” é o nome dado à comercialização de produtos de segunda mão, muitos deles, dizem os rumores, doados pelos países ricos para ajudar os países pobres em períodos de calamidades. Os produtos são, em geral, vendidos em mercados populares ou nas “Boutiques inclina”, onde o cliente se “inclina” para ver os produtos, devidamente organizados na calçada.

9 Maiores informações sobre o projeto e a editora disponíveis em: [https://www.ethalebooks.com/afrocuracion-mocambique-um-evento-de-edicao-online-em-fevereiro-de-2023/#pll\\_switcher](https://www.ethalebooks.com/afrocuracion-mocambique-um-evento-de-edicao-online-em-fevereiro-de-2023/#pll_switcher).

agradável conversa realizada no jardim dos professores, o escritor problematizou o modo pelo qual as exigências do Banco Mundial e do Fundo Mundial Internacional para ultrapassar os marcadores da educação no país acabam por financiar editoras, muitas delas estrangeiras, centradas unicamente na promoção de material didático, alguns deles de questionável qualidade<sup>10</sup>. Vale lembrar que, sobretudo a partir de 2004 com a criação do *Programme Aid Partner Ship*, os doadores vêm promovendo diferentes ações coordenativas em relação ao orçamento de Estado quanto as estratégias para a redução da pobreza, assim como nos planos econômicos e sociais. Com isso, a dependência da ajuda enquanto prática (aceita) pelo governo – que utiliza o dinheiro para pagar as dívidas domésticas e externas que crescem vertiginosamente num círculo vicioso – se torna algo pernicioso para o país, conforme vem sendo alertado por inúmeros pesquisadores moçambicanos<sup>11</sup>. Com a experiência de quem trabalhou no Instituto Nacional do Livro

10 Erros em materiais escolares, a exemplo do que ocorreu recentemente em um manual da disciplina de Ciências Sociais da 6ª classe, vem causando repercussão na sociedade moçambicana (SILVA, 2022).

11 Para se ter ideia, em 2016, o valor da dívida total do país correspondia a 80% de seu produto interno bruto. Para os pesquisadores do IESE, a “dívida pública foi largamente utilizada para apoiar o complexo mineral-energético, as suas infraestruturas e sistemas de defesa e segurança, bem como para o financiamento e o envolvimento das oligarquias nacionais emergentes no controle e exploração das riquezas energéticas e minerais do País, em conjunto com o grande capital multinacional. Esta foi, apenas, uma opção de classe, e não uma necessidade imperiosa da nação, e nunca foi o único caminho ou opção disponíveis e/ou possíveis, tendo sido escolhida por ser a que mais rapidamente atrairia capital multinacional em larga escala para financiar a emergência de oligarquias nacionais” (IESE, 2016).

e Disco, Khosa adverte que a centralidade ocupada pelos manuais escolares seria resolvida com uma política pública que criasse reservas para a promoção da literatura dentro dos grandes contratos destinados a produção dos manuais<sup>12</sup>. Outro assunto mal resolvido para Khosa e para o escritor e ativista Eduardo Quive, com quem também conversei, é o Plano Nacional de Leitura, que ainda não foi devidamente aplicado e, certamente, incentivaria a produção e circulação de obras literárias no país<sup>13</sup>. De fato, tentei acessar o plano na Biblioteca Nacional, já que ele consta no catálogo da instituição, mas o documento não foi encontrado. Assim, pequenas editoras, como Ethale, contam praticamente com os esforços pessoais de seus gestores para fazer publicar e circular as obras pelo país. A circulação é outro problema sério e, muitas das vezes, os livros circulam de mãos em mãos já que a única linha área do país, que é estatal, pouco ou nada faz para facilitar a distribuição dos livros.

---

12 Ismael Nheze, ex-diretor do Instituto Nacional de Desenvolvimento da Educação (INDE), exonerado após o escândalo dos manuais da 6ª classe, afirmou em entrevista que até 2004 o INDE produzia os livros e a Distribuidora Nacional de Material escolar (DINAME) realizava a impressão e a distribuição. Após 2004, devido à “questão da economia de mercado”, toda produção passou a ser privada, chegando ao custo de sete dólares por livro. Com intervenção do Banco Mundial, ficou determinado que uma empresa seria contratada para produzir o livro e a escolhida foi a Porto Editora, que não possui editores em Moçambique (CHIRINDZA, 2022).

13 Trata-se do Plano Nacional de Acção de Leitura e Escrita (PNALE): “Ler e escrever em casa, ler e escrever na escola, ler e escrever na comunidade” (2017), vinculado ao Ministério da Educação e Desenvolvimento Humano (MINEDH) de Moçambique, no contexto do Programa Quinquenal do Governo 2015-2019. O documento não foi encontrado nos canais oficiais do governo, mas está disponível no site *Joint: Liga de Ongs de Moçambique* (REPÚBLICA DE MOÇAMBIQUE, 2017).

Mesmo diante dos constrangimentos estruturais, novas editoras vêm surgindo, inclusive fora de Maputo, como a Fundza, criada em 2018 na cidade da Beira. Estive no escritório da Fundza, na rua Ahmed Sekou Tourée, e os problemas enfrentados são praticamente os mesmos da Ethale. Vale situar que minha intenção era visitar a Beira e como pesquisadora me descentrar da capital, contudo, o preço abusivo das passagens impediu minha ida. A Fundza realiza uma Feira Literária, possui uma loja física na Beira e mantém uma interessante parceria com o Parque Nacional de Gorongosa, com publicação de obras infanto-juvenis, a exemplo do livro intitulado *Quem manda na selva*, de Dany Wambire, ambientado no parque<sup>14</sup>. Outras editoras, como a Gala-Gala, do escritor Pedro Pereira Lopes, a Cavalo do Mar, do poeta Mbate Pedro, a Marambique, de Nelson Saúte, a Trinta Zero Nove, de Sandra Tamele, e a maior delas, a Alcance, vêm dinamizando o cenário editorial do país.

Soma-se a estas, instituições como a Escola Portuguesa de Moçambique e a Fundação Fernando Leite Couto, que promovem eventos, concursos literários e também publicam obras variadas. A Fundação Fernando Leite Couto, aberta desde 2015, vem revelando novos autores e autoras, a

---

14 Para conferir outros títulos publicados pela editora. Disponível em: <https://fundza.co.mz/wp/livraria/>. Acesso em: 17 mar. 2023.

exemplo de Virgília Ferrão e Hirondina Joshua, ambas premiadas e publicadas pela Fundação. Quando visitei, tive a oportunidade de conhecer a escritora Virgília Ferrão que, na ocasião, comentou o livro *Choriro*, de Ba Ka Khosa, que, assim como seu *Sina de Aruanda*, aborda o vale do Zambeze, os sistemas dos Prazos da Coroa e a figura das “donas”<sup>15</sup>. É curioso notar que esse tema histórico é recorrente na literatura desde a obra *Zambeziãna – Cenas da vida colonial*, escrita pelo segundo tenente da marinha portuguesa Filipe Emílio de Paiva, que atuou na esquadilha do Zambeze entre 1900 e 1901. O livro participou do 1º Concurso de Literatura Colonial em 1926, sob o pseudónimo de Emílio San Bruno, e foi reeditado pelo Arquivo Histórico de Moçambique em 1999. Em 1998, Maria Sorensen, sobrinha neta da Dona Alzira Maria de Arroches Valadas Branquinho, publicou o livro *D. Theodora e os seus Mozungos* e, em 2017, Adelino Timóteo publicou *Os oito maridos de D. Luiza Michaela da Cruz*.

Voltando às minhas notas, além de escritora e jurista da área ambiental, Virgília Ferrão mantém o blog “Diário

15 Os prazos foram concessões de terras feitas por Portugal em fins do século XVIII-XIX às mulheres no prazo de três gerações. A fim de garantir a suposta hereditariedade portuguesa de seus domínios, os prazos deveriam ser concedidos às mulheres europeias; mas as “Donas” eram, na sua maioria, goesas ou mestiças que adquiriram relevante poder no complexo zambeziano. Uma das mais conhecidas Donas da Zambézia foi, justamente, D. Luiza Michaela da Cruz, acusada de envenenar seus antigos maridos. No “Relatório da guerra da Zambézia”, escrito em 1888 por Augusto de Castilho e publicado em 1891, o autor responsável por prender D. Luiza descreve que: “havia por de traz da sua aringa do Goengue uma pequena lagoa infestada de enormes crocodilos, e onde ella mandava lançar, amarradas de pés e mãos, as suas victimas accusadas de roubo, adultério, feiticaria, etc!” (CASTILHO, 1891).

de uma Qawwi: Resenhas Literárias & Histórias em Ficção Especulativa”<sup>16</sup>, que resultou na publicação do recente livro *Espíritos quânticos: uma jornada por histórias de África em ficção especulativa*, com 28 textos de variados autores africanos, evidenciando o dinamismo literário dos tempos digitais e o diálogo literário com o afrofuturismo, desde Moçambique. Aliás, como mencionou Eduardo Quive na Feira Literária de Lisboa, realizada um pouco antes da minha viagem à Maputo, se a internet tem sido usada para fins condenáveis, para os artistas moçambicanos, ela se presta ao serviço de contactar e circular os vários mundos criativos. A recente iniciativa de Eduardo Quive e Mélio Tinga, o portal *Catálogos*, que pretende catalogar escritores, obras, eventos, bolsas de investigação e concursos literários é prova disso<sup>17</sup>.

### **Quarta-feira, 21 de setembro**

Numa noite fria e chuvosa, Juvenal Bucuane lançou seu mais recente livro *Masinguita e a sutileza do incesto*, no Camões – Centro Cultural Português, onde na semana anterior decorria o Festival *Gala Gala*, o qual se alastrou por nove centros culturais (dentro e fora do centro da cidade), incluindo a bela exposição *A Dança das Sombras*, do artista plástico Butcheca, no próprio Camões. A chuva

16 Disponível em: <https://diariodeqawwi.com/>. Acesso em: 23 mar. 2023.

17 Disponível em: <https://catalogus.co.mz/>. Acesso em: 23 mar. 2023.

e o frio não espantaram o público que acompanhou a leitura entusiasmada de trechos do livro feita pelo escritor Sangare Opaki e o sofisticado comentário do escritor, crítico e jornalista José dos Remédios. O jovem comentarista tem uma coluna no Jornal *O País* e um programa semanal de televisão chamado *Artes e Letras*, que contribuem para a ainda restrita crítica literária do país.

Iniciativas como, por exemplo, a *Literatas – Revista de literatura moçambicana e lusófona*, criada pela Associação Movimento Literário Kuphaluxa em 2011 e coordenada por Eduardo Quive, demonstra o esforço de jovens escritores para movimentar o campo literário e promover a literatura no país, mas que, sem um apoio efetivo e constante, não consegue se manter em pleno funcionamento. Atualmente, segundo confirmou o próprio Quive, apenas a revista *SOLETRAS*, da editora Fundza, está em circulação, mas com publicações irregulares. Importa lembrar que a circulação de revistas é importante para o despontar de novos escritores e para lançar novos paradigmas narrativos, a exemplo do que foi a *Charrua - Revista literária* (1984-1986) ao procurar “libertar o verbo” dos condicionamentos políticos da altura.

Além disso, faltam periódicos científicos especializados sobre a área, conforme evidenciou o professor Lucilio

Manjate quando visitei a Faculdade de Letras e Ciências Sociais da Universidade Eduardo Mondlane. Nem tudo avançou. Embora o curso de Licenciatura em Literatura Moçambicana exista há bastante tempo, pelo que consegui averiguar, não parece haver revistas acadêmicas que atuem na esfera da crítica literária que, por sua vez, é circunscrita aos livros e artigos, alguns deles publicados em jornais, de professores e ex-professores, como o próprio Lucílio, Francisco Noa, Sara Laisse, Aurélio Cuna, Fátima Mendonça, Gilberto Matusse, Almiro Lobo, Nelson Saúte, Teresa Manjate e outros. Há livros sendo publicados, novas editoras surgindo, clubes de leitura ocupando os espaços verdes da cidade<sup>18</sup> e, talvez, uma revista literária complete o importante ciclo entre obra, leitor e crítica.

### **Quinta-feira, 29 de setembro**

Na esquina entre as ruas Ho Chi Min e Felipe Samuel Magaia, uma curiosa imagem chama atenção: restos de antigas estátuas, dispostas no jardim do Museu Nacional de Arte. Dentro do museu, de manutenção precária, importantes obras representam o passado recente do pós-independência. Estão lá Malangantana, Chichorro, Reinata Sadimba e outros importantes artistas que contribuíram para a construção da

---

18 A exemplo do “Clube do Livro” dinamizado pelo professor Nataniel Ngomane, por exemplo.

imagem nacional. Do lado de fora, como parte ignorada do museu, repousam as estátuas despedaçadas e, uma delas, curiosamente, sem cabeça. Nessa dança do tempo, dançada entre memórias que se quer lembrar ou se esquecer, os monumentos e o lugar os quais eles ocupam são interessantes objetos de reflexão sobre a cidade enquanto um arquivo. Durante o Governo de Transição (1974-1975), a estátua de Salazar foi retirada de um pedestal no então Liceu Salazar e reposicionada nos fundos na Biblioteca Nacional com a cara voltada para a parede e com “o barrete nas mãos e o olhar na parede, como se cumprisse um castigo” (COELHO, 2021, p. 165), conforme destaca o narrador último livro de João Paulo Borges Coelho, intitulado *Museu da Revolução* e que registrei em minha visita à biblioteca. Outra estátua removida foi a do governador português do distrito militar de Gaza, Mouzinho de Albuquerque, “encurralado” na Fortaleza de Maputo: “a observar curioso por cima das ameias a paisagem que acabou por não conseguir domar” (COELHO, 2021, p. 165). Mouzinho, conhecido por derrotar militarmente o rei Ngungunhane, foi reposicionado na fortaleza localizada entre a Avenida Samora Machel e a rua Ngungunhane. Assim, a geografia rebatizada nos tempos de Samora reverteu a narrativa do passado ao aprisionar o português que, por sua vez, aprisionou e exilou o chamado “Leão de Gaza”, em

1895. Na construção dessa nova memória coletiva, seus supostos restos mortais retornaram à Moçambique durante as comemorações dos 10 anos de libertação, em 1985, e hoje descansam na Praça dos Heróis Moçambicanos, ainda que narrativas não hegemônicas como a obra *Ulalalapi*, de Ungulani Ba Ka Khosa, problematizem a atribuição do status de herói a esse controverso personagem.

Bem, o funcionário dos visitantes do Museu Nacional de Arte explicou-me que muitas outras estátuas foram trazidas para aquele jardim e posteriormente levadas não se sabe para onde. As duas que permanecem ali teriam ficado, segundo ele, por serem muito pesadas. Instigada pelo mistério do destino das outras estátuas – que, aliás, constam num interessante registro fotográfico feito por Ricardo Rangel<sup>19</sup> –, encontrei um artigo científico que discute os “patrimônios dissonantes” em Maputo. O texto indica a existência de peças em um antigo armazém do Ministério da Educação e Cultura, hoje depósito de uma empresa de distribuição, localizado na Avenida das Forças Populares de Libertação de Moçambique (FPLM). Longe dos olhares populares estariam as estátuas de figuras como o piloto Gago Coutinho, removida do aeroporto, o cardeal D. Teodósio Clemente Gouveia, retirada do então Largo dos Heróis da Fé, e um

19 Foto reproduzida em: TRIANA, 2022.

monumento alegórico intitulado “Colônia de Moçambique”, que ocupava a então praça Mouzinho de Albuquerque<sup>20</sup>. Os pesquisadores afirmam, sem surpresa, que os funcionários da empresa desconheciam as peças e sua proveniência<sup>21</sup>.

Figura 4 – Estátuas esquecidas. Museu Nacional de Arte



Fonte: Maputo, 2022. Arquivo pessoal.

Entre as peças deixadas para trás ou armazenadas em antigos galpões a espera de um projeto de memória, assim como peças ressemantizadas na Biblioteca Nacional e na

---

20 Em uma nota de rodapé, o artigo indica que um projeto elaborado pelo Serviço Nacional de Museus e Antiguidades (SNMA) teria identificado estátuas removidas em diferentes locais do país que seriam, a princípio, integrados a um novo programa expositivo da fortaleza de Maputo. Dificuldades de várias ordens teriam paralisado o projeto (MENDONÇA; MENDONÇA, 2021).

21 O artigo também menciona um inquérito realizado no jornal Notícias, em 1975, com entrevistados de diferentes origens e que concordavam com a remoção das estátuas e sua preservação num museu: “reconhecendo que ‘apenas quando a hora da serenidade histórica’ chegasse, poderia haver o distanciamento histórico-crítico necessário para estudar e avaliar a importância dessas ‘obras de arte e documentos’ (Inquérito [a Alexandre Lobato], 1975)” (MENDONÇA; MENDONÇA, 2021, p. 4).

Fortaleza (ou reposicionadas)<sup>22</sup>, há o paradigmático exemplo do jardim memorial dedicado a “Louis Johannes Tregardt e do seu povo/Os agricultores da floresta”, grafado em afrikaans e inaugurado em 1968 na então cidade de Lourenço Marques. O jardim, que também aparece no livro *Museu da Revolução*, evidencia o espaço pós-colonial como algo ambíguo, ainda que a história oficial insista numa narrativa amparada por um único regime de verdade<sup>23</sup>. Como pude constatar e registrar nas imagens abaixo, o memorial é bem cuidado e possui um portão de ferro que condiciona a circulação aos eventuais visitantes. Seria curioso observar quem são os visitantes do memorial erguido a esta figura conhecida como “o primeiro *bôer*”, pioneiro das chamadas migrações rumo ao norte (1830-1854), que resultaram na fundação das três repúblicas *bôeres* e no acirramento de seu nacionalismo e, mais tarde, na eleição de uma coligação pró-*bôer* (1948) e na constituição da República da África do Sul (1961), controlada pela minoria *bôer*. A expedição Tregardt, iniciada em 1836, teve fim em 1838, na então cidade de Lourenço Marques, onde Tregardt,

---

22 Na ilha de Moçambique, as estátuas de Vasco da Gama e de Luís de Camões foram repostas; o Padrão da Grande Guerra de 1935 e o memorial a Vasco da Gama de 1929 foram mantidos, já os padrões do V Centenário da Morte do Infante D. Henrique foram derrubados. (MENDONÇA; MENDONÇA, 2021). Um caso interessante é o pedido de repatriação pelo governo da Argélia após a França retirar, em 1962, cerca de 300 obras de arte do Musée des Beaux-Arts em Argel, incluindo obras de emblemáticos pintores franceses como Monet, Delacroix, Courbet que passaram a ser reivindicados como patrimônio nacional argelino (BELLISARI, 2017).

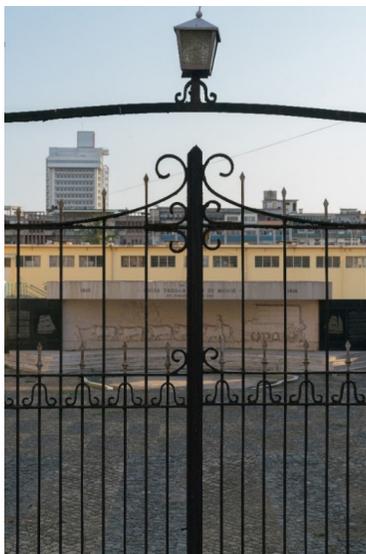
23 Sobre a construção de uma narrativa histórica que se pretende única, conferir: COELHO, 2015.

sua mulher e outros membros da expedição morreram e o monumento em sua homenagem está localizado no lugar em que ele teria sido sepultado, na baixa de Maputo há dois quarteirões da praça da independência<sup>24</sup>. O jardim também possui um busto de pedra em homenagem ao historiador sul-africano Willem Henry Jacobus Punt, um homem fascinado pela história das expedições africâneres e o modo pelo qual, segundo sua teoria, os brancos teriam transformado as paisagens africanas resgatando-as do caos, conforme reforça o narrador ao problematizar tal monumento. Não por acaso, a personagem sul-africana Elize Fouché – filha do comandante Cornelius Fouché que orquestrara massacres desde a fronteira entre África do Sul e Moçambique a fim de desestabilizar o governo socialista moçambicano – fica perplexa ao se deparar com a existência daquele memorial no tempo presente.

---

24 A discussão sobre o jardim memorial e a obra *Museu da Revolução* foi realizada em: GALLO; BRUGIONI; BEDUSHI, 2022.

**Figura 5 – Memorial *bôer* assegurado**



Fonte: Arquivo pessoal.

**Figura 6 – Salazar de castigo**



Fonte: Arquivo pessoal.

Percorrendo na cidade de Maputo e observando o modo como ela foi sendo ressemantizada, é instigante refletir o lugar que ocupam esses monumentos e estátuas. Importa situar que diferente das ruínas da temerária Vila Algarve, sede da Pide/DGS<sup>25</sup>, o memorial a Tregardt da antiga Lourenço Marques manteve-se intacto e preservado na Maputo pós-independência. Quais seriam as explicações usadas (ou silenciadas) para elucidar a diferença de tratamento? Sem dúvida tais questionamentos sobre a cidade e sua geografia – hoje com outros “prisioneiros do bronze”, como a estátua de Samora Machel construída pelos chineses – foram suscitados pela leitura de *Museu da Revolução*. Ou seja, a problematização ficcional destes lugares reais fez com que eu fosse até eles e me pusesse a pensar sobre seus sentidos no espaço público do tempo presente. É nesse espírito que decidi espreitar o prédio do museu localizado na Avenida 24 de Julho (mesma avenida da associação dos escritores), que permanece encerrado ao público desde 2015, após uma disputa patrimonial que resultou na desapropriação pelo estado em nome do partido<sup>26</sup>. O leiteiro vermelho onde

---

25 A inicialmente chamada de Polícia Internacional e de Defesa do Estado (PIDE) e rebatizada como Direção Geral de Segurança em 1969 funcionou como o braço repressivo da administração colonial portuguesa, cuja sede era a Vila Algarve.

26 No texto “Frelimo compra Museu da Revolução”, publicado no jornal Savana (2010), pode-se acompanhar parte desse debate. Enquanto o analista político Momed Yassin questiona a permissão dada pelo Ministério da Cultura para um partido político adquirir um patrimônio histórico-cultural nacional, o ex-ministro Jorge Rebelo afirma haver “razões históricas óbvias

se lia “Museu da Revolução” há muito foi apagado e já não há vestígios aparentes de que aquele lugar, inaugurado em 1978, serviu para celebrar e relembrar o fim do colonialismo e a vitória da Frente de Libertação Moçambicana. De fato, o espaço memorial do museu buscou colmatar o projeto nacional revolucionário, dando especial destaque ao protagonismo da Frelimo e seus grandes nomes. Do outro lado da rua, em frente ao jardim Dona Berta, é possível observar um outdoor posicionado na frente do museu, onde se lê “Anuncie aqui”. Ironicamente, o museu fechado ao público é vizinho da “Central da Força Jovem Universal”, que congrega jovens da igreja evangélica brasileira e cuja fachada se lê “preparando jovens para o futuro”, como se pode observar na imagem abaixo com a utilização de um zoom. Talvez seja preciso mesmo um zoom para ver certas coisas. A imagem do antigo museu, com um outdoor comercial a frente e a central jovem ao lado é, no mínimo, paradigmática no que se refere ao “futuro do passado”. Observando a paradigmática imagem, ecoa a voz do narrador (mais uma vez) do museu livro: “Como se conta uma história? Quais as raízes de uma história? E quais as suas consequências?” (COELHO, 2021, p. 69).

---

para que aquele museu seja pertença do partido, embora possamos questionar hoje se os ideais que ontem nortearam a revolução ainda prevalecem”. Disponível em: [https://macua.blogs.com/moambique\\_para\\_todos/2010/08/frelimo-compra-museu-da-revolu%C3%A7%C3%A3o.html](https://macua.blogs.com/moambique_para_todos/2010/08/frelimo-compra-museu-da-revolu%C3%A7%C3%A3o.html). Acesso em: 21 mar. 2021.

**Figura 7 – Novo retrato do antigo Museu da Revolução**

Fonte: Maputo, 2022. Arquivo pessoal.

Para que essas breves notas não criem qualquer tipo de desilusão, gostaria de concluir dizendo que, apesar da inação do estado ou da ação em causa própria, compartilho do entusiasmo do professor Francisco Noa quando se pronunciou após um sarau realizado em homenagem a Noémia de Sousa na “Casa do professor”. Em detrimento da morte da rainha da Inglaterra e após reivindicar Noémia como a rainha de Moçambique, Noa relatou a difícil tarefa de ter, por vezes, que escolher entre três eventos literários que ocorrem na cidade em que o professor voltou a morar recentemente. E para mim, afora os prédios envidraçados,

pontes, *bunkers* e clubes, esta é a nova e instigante Maputo, da qual já sinto falta.

## Referências

ACHEBE, Chinua. *A educação de uma Criança sob o protetorado Britânico*. Tradução de Isa Maria Lando. São Paulo: Companhia das letras, 2012.

AZAGAIA. *Povo no Poder*. s.d. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RhSKixT-n0w>. Acesso em: 21 mar. 2021.

BELLISARI, A. The Art of Decolonization: The battle for Algeria's French Art, 1962-70. *Journal of Contemporary History*, 52(3), p. 625-45, 2017.

CACHADO, Rita. Diário de campo. Um primo diferente na família das ciências sociais. *Sociol. Antropol.* Rio de Janeiro, v. 11, mai./ago., p. 551-572, 2021.

CASTILHO, Augusto de. *Relatório da guerra da Zambézia em 1888*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1891. Disponível em: [https://archive.org/stream/relatoriodaguerr00cast/relatoriodaguerr00cast\\_djvu.txt](https://archive.org/stream/relatoriodaguerr00cast/relatoriodaguerr00cast_djvu.txt). Acesso em: 20 mar. 2023.

CHIRINDZA, Jersid. Ismael Nheze disse ser falso que saltou etapas na produção do livro da 6ª classe: Houve muita pressa de colocar os livros no mercado. *Cartamz*, Maputo. 11 jul. 2022. Disponível em: <https://cartamz.com/index.php/politica/item/11192-ismael-nheze-diz-ser-falso-que-se-saltou-etapas-na-producao-do-livro-da-6-classe-houve-muita-pressa-de-colocar-os-livros-no-mercado>. Acesso em: 20 mar. 2023.

COELHO, João Paulo Borges. Abrir a fábula: Questões da política do passado em Moçambique. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n. 106, p. 153-166, 2015.

COELHO, João Paulo Borges. *Museu da Revolução*. Lisboa, Caminho, 2021.

GALLO, Fernanda; BRUGIONI, Elena e BEDUSHI, Gabriela. Museu da Revolução um monumento aos anônimos. In: GALLO, Brugioni; BEDUSHI, Gabriela (Orgs). *A obra literária de João Paulo Borges Coelho*: Panorama crítico. Campinas: Editora da Unicamp, 2022.

INE. *IV Recenseamento Geral da População e Habitação 2017 – Indicadores Sócio-demográficos Moçambique*. INE: Maputo, 2017.

MBEMBE, Achille. *Circulação dos mundos: a experiência africana. Sair da Grande Noite: Ensaio sobre a descolonização em África*. Portugal e Angola: Edições Mulemba e Edições Pedagogo, 2013.

MENDONÇA, Lisandra e MENDONÇA, Ricardo. Culto dos monumentos históricos e projeto imperial na década de 1940. *Urbe-Revista Brasileira de Gestão Urbana*, n. 13, p. 4-17, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/urbe/a/4wzmZtjX7ZTQLFNWBkHYRhx/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 14 mar. 2023.

NGUGI WA THIONG’O. *Decolonising the mind: The politics of language in african literature*. Nairobi: EAEP, 1997.

REPÚBLICA DE MOÇAMBIQUE. *Plano Nacional de Acção de Leitura e Escrita (PNALE)*. MINEDH: Maputo, 2017. Disponível em: <https://www.joint.org.mz/public/assets/documentos/c2a6e333919693b508262e599a2a0b4b.pdf>. Acesso em: 14 mar. 2023.

SILVA, Romeu. Erros no livro da 6ª classe. A comissão vai ajudar. *DW*, Maputo, 30 maio 2022. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-002/erros-no-livro-da-6%C2%AA-classe-a-comiss%C3%A3o-vai-ajudar/a-61980518>. Acesso em: 13 mar. 2023.

TRIANA, Bruna. Rastros, ruínas e decadência: contribuições para uma antropologia dos arquivos. *Rev. antropol.* USP, São Paulo, v. 65, n. 2, p. 1-27, 2022.

UAMUSSE, Inalcídio. Ferryboats que faziam trajecto Maputo-KaTembe ainda sem destino. *Jornal O País*, Maputo, 29 maio 2021. Disponível em: <https://opais.co.mz/ferryboats-que-faziam-trajecto-maputo-katembe-ainda-sem-destino/>. Acesso em: 13 mar. 2023.

### **Fernanda Gallo**

Pós-doutoranda em Teoria Literária no Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade de Campinas.

Doutora em Antropologia Social no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de Campinas, 2017.

Bolsista da Fundação de Amparo à pesquisa do Estado de São Paulo  
(Processo 2018/04573-9).

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4916988090591403>.

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-3039-7179>.

E-mail: [fernandabggallo@gmail.com](mailto:fernandabggallo@gmail.com).